CIDADE TRANSVERSAL: semantização urbana em Campos dos Goytacazes

Paolla Clayr de Arruda Silveira, Sérgio Arruda de Moura

Os textos não-verbais acompanham as caminhadas pela cidade, produzem-se, completam-se, alteram-se ao ritmo dos passos e, sobretudo, da capacidade de perceber, de registrar essa informação. Esse registro que transforma os textos não verbais em marcos referenciais da cidade; signos da cidade, esses marcos aglutinam objeto e signo urbanos. O que se propõe neste trabalho é traçar um paralelo nas análises da Praça São Salvador, centro histórico da cidade, referencial numa área comercial de intenso fluxo de pessoas, de diversos lugares do município e adjacências, e o Jardim do Liceu, circundado por instituições públicas municipais e estaduais, voltadas ao setor de educação e legislativo municipal, que delimita um público diverso à primeira praça. O objetivo é re-conhecer os elementos estruturantes dos discursos dos espaços urbanos através produção de sentidos no usuário, na cidade de Campos dos Goytacazes, representada pela Praça São Salvador e Jardim do Liceu, diante de uma abordagem prática das discussões semiológicas. Assim, referenciando a cidade como objeto de pesquisa - principalmente na cidade transversal ao que é real, onde existem os dizeres e a imaginação - e como pano de fundo para os textos imbricados em seus espaços, a existência de maneiras de analisar esses discursos tem se multiplicado, através das ciências linguísticas e semiológicas, por exemplo. Caminhando pelo processo de formação histórico-espacial dos espaços públicos e na sua contextualização na imagem da cidade, à luz de Benevolo, Carvalho, Lynch e Cullen, permeando pela temática da característica de palimpsesto do espaço urbano e na condição topofílica do espaço arquitetural, em Certeau, Coelho Netto, Orlandi e Tuan, avistam-se percursos metodológicos interdisciplinares, unindo arquitetura, semiótica e etnografia nessa busca pelos elementos atuantes na produção de sentidos na arquitetura, logo, no processo semântico das praças urbanas. Numa brincadeira de palavras e termos, foi realizado, então, uma etno-topo-foto-grafia: croquis, fotografias, filmagens, entrevistas e mapeamentos são meios importantes no objetivo de se alcançar uma descrição mais completa do visível e do invisível. As praças possuem diversas facetas conforme os dias da semana, eventos e acontecimentos em seu entorno, comportamento dos cidadãos, assim como atividades exercidas nas proximidades, que influenciam sua rotina a cada hora. A intensa transversalidade urbana permite as mais inúmeras análises e conclusões, dependendo do ponto de vista do pesquisador. Neste caso, com enfoque sobre a produção de sentido no espaço arquitetural, desejou-se analisar as praças São Salvador e Jardim do Liceu sob a ótica da arquitetura e os efeitos de seus índices, como insolação, conforto térmico e sonoro, revestimentos e acabamentos,

paisagismo, texturas e cores, nas pessoas e seu entorno próximo durante o processo semântico espacial. A Praça São Salvador se apresenta cotidianamente como lugar de ligeireza, de passos rápidos, firmes, inconstantes, de muitas idas e vindas, de algo envolvido pelo calor do comércio, dos sons de promoções e convites de visitas às lojas, de panfletagem e outros apelos de comerciantes. Essa pesquisa permitiu vislumbrar a Praça São Salvador em ângulos diversos da visão comum do observador rotineiro, manifestando uma transversalidade que só se mostra ao parar da caminhada, ao ter a atenção desviada do rumo e voltada para seus pormenores. Pormenores não em tamanho ou de algo às escondidas: a copa das palmeiras, o desenho no piso, a sombra dos prédios modernos em seu piso liso, os diferentes usos do banco, os monumentos para os homenageáveis, sua metade de arquitetura eclética e sua metade de arquitetura moderna... Todos esses pormenores são alvos simples de um olhar, que ao atentar para o destino final da passagem, não se percebem. O Jardim do Liceu, em seu dia-a-dia se mostra bucólico, calmaria, manso até demais, tempo parado, quase sombrio e amedrontador, com calçadas movimentadas mais que seu interior. Interessou mesmo a essa dissertação o burburinho dos adolescentes ao longe, o som de sirene marcando o intervalo entre as aulas liceístas, as copas altas e densas de sua vegetação antiga, as pisadas no passeio de pedrinhas e cascalhos, suas linhas arquitetônicas sinuosas nos bancos e canteiros, suas imagens tendo como fundo o belo Liceu de Humanidades de Campos e Palacete Villa Maria, preservados, originais, históricos e pelo Palácio Nilo Peçanha, fisicamente réplica do Parthenon de Atenas, mas datado de 1935. Propôs-se, então, provocar a redescoberta desses pormenores escamoteados pela pressa ou pelas cismas de perigo. Através da metodologia empregada, permitiram-se comparar as duas praças através das análises de seus pormenores e foi possível concluir que o Eixo Construído x Não Construído é, dentre os sete eixos de Coelho Netto, o principal organizador de sentido do espaço que difere as praças, que faz cada uma colaborar para formação dos discursos que as envolvem e dos quais é possível desenvolverem outras tantas maneiras de “semantizar” o espaço público urbano. Salienta-se que todos os demais eixos atuam no espaço, em conjunto. Nas considerações de Coelho Netto (1984), o discurso arquitetural se organiza em torno dos sete eixos, necessários e suficientes, simultaneamente mínimo, essencial e bastante da linguagem e da prática arquiteturais, sendo caminhos para investigar as referências através da natureza de cada eixo. Portanto, o Eixo Construído x Não Construído é o fator de diferenciação de uma praça para outra, independentemente de sua morfologia individual, como massa arbórea, comércio abundante ou sombreamento, mas pelo modo de utilização do espaço público. As definições que se tem desse par de palavras devem ser reconstruídos para os entendimentos atuais, sendo inadequado o entendimento de que o sentido de construído é área ocupada/cheia e de não construído como lugar vazio/puro. O aspecto principal a dar sentido à indicação de um lugar como marco no espaço arquitetural, tratado lá em Lynch e Coelho Netto, seria então sua classificação como espaço Construído, lugar onde a sociedade contribui para sua existência e o reconstrói por vezes, faz e refaz

uma gerência espacial, emprega diversos signos culturais através de seus momentos históricos, e a função desse espaço é que o transforma em principal, em matriz, em marco propriamente dito. Não basta fazer parte da história da cidade, do percurso de algumas pessoas, de um local a ser preservado pelos órgãos governamentais ou pelo apelo ambiental, mas de ser alvo de anseios da urbanidade, e diante das tantas análises possíveis, certos dados levantados acerca de outros eixos foram surpreendentes. Surpreende o Eixo Restrito caracterizando a Praça São Salvador. Sempre vista como ampla e espaçosa pela maioria dos frequentadores no dia-a-dia, quando apegados ao que se entende de amplitude. Nessa metodologia a personalidade restrita se manifesta, nos traços da claridade e do desligamento percebidos ali, indicando sua marca restritiva através da intimidade de cada frequentador. Por ser um ambiente que permite ações e atividades diversas (Eixo Construído), são restritas a cada pessoa suas indagações, arbítrio, e tomada de decisões. Restrição nada tem a ver com proibição, mas com o eu, individualmente falando. Surpresa também ocorreu na proximidade das respostas acerca do Jardim do Liceu, quase coincidindo Eixo Interior x Exterior. O primeiro diz respeito da característica de abrigo e o segundo seria algo além desse abrigo, e essa proximidade mostra quão difícil é classificar um espaço, dependendo muito de quem percebe esse espaço e é consultado, incluindo seus aspectos sociais e históricos do entrevistado, como fala Orlandi. Nessa pesquisa, o Exterior supera em porcentagem, mas não impede a curiosidade desse fato. Enquanto pesquisadora atingiu-se o desafio de aventurar em literaturas interdisciplinares, até então diversas da academia de Arquitetura e Urbanismo, mas igualmente prazeroso foi conhecê-las, encontrar pontos de ligação e enriquecer o debate do lugar da arquitetura contemporânea com novas perspectivas.

Palavras-chave: Discurso; Arquitetura; Percepção.

Instituição de fomento: UENF